

2 DIALOGICIDADE NA PEDAGOGIA EMPREENDEDORA¹

Dialogicity in entrepreneurial pedagogy

*Paulo Victor Cassiano²
Alessandra de Falco Brasileiro³*

RESUMO: o presente artigo aborda a importância da postura dialógica do educador para a efetiva realização das metas almejadas pela Pedagogia Empreendedora (PE) no contexto de ensino e aprendizagem. Por meio da revisão da literatura, buscamos identificar o sentido da relação dialógica e descrever as características, as atribuições e os compromissos da PE ligados ao diálogo. Partimos da premissa de que o diálogo é a chave para implementação da PE e os nossos resultados apontam para uma postura fundamental do educador no contexto da PE.

Palavras-chave: Pedagogia Empreendedora. Planejamento Dialógico. Dialogicidade.

ABSTRACT: The present article discusses the importance of the educator's dialogical position for the effective realization of the goals required by the Entrepreneurial Pedagogy (EP) in the context of teaching and learning. Through the literature review, we sought to identify the meaning of the dialogic relationship and to describe the characteristics, the attributions and the commitments of the PE linked to the dialogue. We started from the premise that dialogue is the key to the implementation of the EP and our results point to a fundamental posture of the educator in the context of the EP.

Keywords: Entrepreneurial Pedagogy. Dialogical Planning. Dialogicity.

¹Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) no curso de Especialização em Educação Empreendedora, aprovado pela banca examinadora em 05/04 de 2017

²**Paulo Victor Cassiano:** Universidade Federal de São João Del-Rei, Núcleo de Educação à Distância (NEAD) da UFSJ, Polo de Apoio Presencial de Votorantim/SP. **Contato:** paulinho_cassiano@hotmail.com

³**Alessandra de Falco Brasileiro:** Universidade Federal de São João Del-Rei, Coordenadoria do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSJ, Campus Tancredo de Almeida Neves **Contato:** alessandrafalco@ufsj.edu.br
Interdisc., São Paulo, n.º 11, pp. 01-151, out. 2017.
<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o trabalho que teve como objeto de pesquisa o papel do professor na Pedagogia Empreendedora (PE), fundamentado nas reflexões de Dolabela (2003). A questão-problema norteadora foi: Qual o sentido do diálogo na ação educativa, no contexto da Pedagogia Empreendedora? Diante desta questão, o objetivo geral foi o de identificar o sentido da relação dialógica professor-aluno. Foram objetivos específicos: descrever as características, as atribuições e os compromissos da PE ligados ao dialogismo.

O tema escolhido é relevante no cenário da pesquisa educacional basicamente por dois motivos capitais. O primeiro diz respeito ao interesse pelo assunto, por tratar-se de um novo conceito para a educação, à medida que um projeto de educação empreendedora almeja contribuir para a construção de uma visão de sociedade justa, humana e solidária. Isto, considerando que a educação se baseia no princípio de fortalecer o indivíduo, para que ele possa alcançar seus sonhos, conquistar metas e construir o futuro. O segundo motivo é voltado à atuação do professor no contexto da Pedagogia Empreendedora, visto que para a aplicação de um programa nesse sentido, um novo modelo de professor se faz necessário, um educador também empreendedor.

Para alcance dos objetivos elencados anteriormente, foi realizada revisão da literatura sobre o tema abordado. Após leitura e compreensão do referencial teórico, foi feito fichamento das obras e análise dos dados levantados para redação do presente artigo. Esta pesquisa se caracteriza como bibliográfica, pois:

[...] remete-nos ao trabalho de seleção de obras que discutem ou se aproximam do tema de interesse; para isso podemos consultar arquivos de bibliotecas, índices ou catálogos bibliográficos, periódicos e revistas especializadas, bancos de dissertações e teses (ANDRADE, 2011, p.29).

As teorias estudadas, e que aparecem como pano de fundo para esta pesquisa, baseiam-se nas obras Pedagogia Empreendedora (DOLABELA, 2003) e Planejamento Dialógico (PADILHA, 2002). A obra de Padilha é inspirada em Paulo Freire, no qual também é possível buscar amparo teórico, sobretudo na obra que se intitula Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa (FREIRE, 1996). Para Dolabela (2003), a Pedagogia Empreendedora é uma metodologia de desenvolvimento da capacidade do aluno em empreender, cujo objetivo é formar gente capaz de criar suas próprias oportunidades.

Também para o autor, por ser uma proposta de mudança cultural, a Pedagogia Empreendedora jamais poderá ser imposta. "Sua adoção é uma decisão política de cada escola, congruente com sua visão de mundo" (DOLABELA, 2003, p. 110). A Pedagogia Empreendedora propõe o desenvolvimento da capacidade dos alunos em empreender um sonho individual. Porém, esse sonho individual deve estar associado ao coletivo, ou seja, de forma intrínseca a realização do sonho de cada indivíduo deve contribuir para a comunidade em que está inserido.

Interdisc., São Paulo, n.º 11, pp. 01-151, out. 2017.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

Nesse sentido, Dolabela (2003) apresenta a figura do professor como mediador na busca da realização dos sonhos de seus alunos. O ato educativo do professor deve ir para além dos muros da escola, levando os alunos a se relacionarem com o mundo e tornando-os sujeitos na construção do conhecimento e do ser empreendedor. Para Dolabela (2003, p. 104):

O papel do professor pode ser visto como o de alguém que provoca o desequilíbrio nas relações do aluno com o mundo, através de perguntas, desafios, questionamentos e, ao mesmo tempo, oferece o apoio necessário para que ele, diante de conflitos cognitivos, desenvolva uma ação auto-organizadora.

Porém, para provocar tal desequilíbrio, o professor precisa conhecer os sujeitos com os quais se relaciona. Também é preciso romper com a postura vertical na relação professor-aluno, incabível na Pedagogia Empreendedora. De acordo com Padilha (2002, p. 22), "[...] frequentemente confundimos autoridade com autoritarismo e pensamos que, deixando de ser autoritários, perdemos a autoridade". O mesmo autor atenta para o fato de que:

A escola, espaço de relações sociais e humanas, é um campo propício para a discussão política, pois, ser político nesse âmbito é conhecer profundamente essa instituição em todas as suas características. É compreender como são estabelecidas as relações de poder no seu interior e saber avaliar como isso repercute nos serviços que a unidade escolar oferece à comunidade (PADILHA, 2002, p. 22).

Não há outra forma de conhecer a instituição escolar senão conhecendo seus sujeitos. Também, se ela é um espaço de relações sociais e humanas, deve-se assumir que o sonho, evocado na Pedagogia Empreendedora, deva ter por parte de quem sonha uma motivação política - no sentido de ação transformadora da realidade. "Não obstante, o papel do professor é possibilitar o diálogo, falar aos e com os educandos" (PADILHA, 2002, p. 22). E é justamente esse diálogo entre professor e aluno, combinado com o empreendedorismo educacional, que é abordado no presente trabalho.

2 PEDAGOGIA EMPREENDEDORA

Com a globalização, movimento responsável pela integração econômica e cultural do mundo, novos valores e comportamentos passaram a predominar nas mais variadas sociedades ao redor do planeta. De fato, nas últimas décadas cresceu vertiginosamente a importância social daqueles indivíduos capazes de detectar oportunidades de lucro e, assim, obter o sucesso financeiro: os empreendedores. E esse reconhecimento não é gratuito. Com efeito, a inovação, a criatividade e a ousadia são apenas algumas das características que podem ser observadas na conduta dessas pessoas.

Interdisc., São Paulo, n.º 11, pp. 01-151, out. 2017.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

No entanto, em decorrência de ter sido observado primeiramente no âmbito empresarial, o empreendedorismo é comumente associado ao conceito de empresa e ao exercício de atividade econômica organizada. Mas, para a Pedagogia Empreendedora de Fernando Dolabela, o comportamento empreendedor não se manifesta apenas nos setores empresariais como uma espécie de ferramenta ou instrumento pessoal destinada ao reconhecimento de oportunidades de negócio e, conseqüentemente, de lucro.

Para a concepção pedagógica, o empreendedorismo é um comportamento inerente ao próprio modo de ser do indivíduo, presente desde a mais tenra infância, manifestando-se todos os dias nas mais variadas atividades possíveis. Para Dolabela (2003, p. 38): “É empreendedor, em qualquer área, alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade”. Como se vê, o conceito apresentado é muito mais amplo e não se restringe tão somente ao setor empresarial. É aplicável a qualquer um que seja capaz de estabelecer uma meta e utilizar os meios necessários e disponíveis para alcançá-la.

Todavia, não é qualquer tipo de sonho que confere a característica empreendedora para alguém. Na verdade, e com o devido respeito à psicanálise, o sonho tratado aqui é aquele com o poder de impulsionar a pessoa que sonha na busca pela sua concretização, ou seja, é o sonho capaz de estruturar todo um projeto de vida necessário à própria realização. Essa é a teoria empreendedora dos sonhos. Partindo dessa premissa, Dolabela (2003, p.55) afirma que:

A Pedagogia Empreendedora é uma estratégia didática para o desenvolvimento da capacidade empreendedora de alunos da educação infantil até o nível médio, que utiliza a Teoria Empreendedora dos Sonhos, não se propondo a ser uma metodologia educacional de uso amplo. Restrita ao campo do empreendedorismo, conviverá com as diretrizes fundamentais de ensino básico adotadas no ambiente de sua aplicação: a escola.

Essa estratégia didática se concretiza por meio de dois procedimentos: a formulação de um sonho estruturante e a busca pelos meios que possibilitem a sua realização. Uma vez definido qual o sonho a ser alcançado, o sujeito, imbuído pelo sentimento de autorrealização, iniciará a busca perseverante e incansável pelos conhecimentos necessários à satisfação das necessidades impostas, para a consecução dos objetivos estabelecidos, dando ensejo, assim, a um processo dinâmico de auto aprendizado.

Diante disso, o indivíduo desenvolve condições para a compreensão e o desenvolvimento de si próprio, como a autoestima, o autoconhecimento, a autonomia, a criatividade, bem como o conhecimento da natureza do próprio sonho. Não obstante, também desenvolve as habilidades e as competências essenciais para entender os fenômenos exógenos, ambientais, e lidar com eles, como o conhecimento do ambiente em que o sonho se insere, a capacidade de tecer uma rede de relações para dar suporte à realização do sonho e a identificação de oportunidades.

Entretanto, o verdadeiro cerne dessa metodologia está em impulsionar o envolvimento emocional da pessoa com a realização do sonho, ou seja, fazer com que ela desenvolva uma relação afetiva com a meta que foi estabelecida, para que esse

Interdisc., São Paulo, n.º 11, pp. 01-151, out. 2017.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

sentimento possa ser utilizado como combustível ou energia necessária para a nutrição da perseverança e da determinação, diante das adversidades que podem surgir ao longo do caminho. Esse desiderato pode ser resumido no seguinte trecho:

De todo esse arrazoado, conclui-se que a tarefa pedagógica será, portanto, estabelecer forte conexão entre sonho e capacidade de iniciar e manter ações para realizá-lo. Ou seja, sonhar e buscar realizar o sonho. Em outras palavras, o objetivo da pedagogia empreendedora consistirá em desenvolver o ser capaz de sonhar e construir os quatro saberes fundamentais à realização do sonho - saber conhecer, saber fazer, saber conviver, saber ser. Essa cruzada não é mais do que a realização do ser em seu sentido mais profundo (DOLABELA, 2003, p. 63).

Ainda que essa metodologia preconize o autoaprendizado, ela não prescinde do papel do professor, ao contrário, exige dele uma fortíssima atuação para ampliar as referências e as fontes desse aprendizado, além de redefinir o próprio conceito do saber. Vale dizer, o professor deve apresentar ele próprio uma atitude empreendedora dentro da sala de aula, não se limitando à mecânica função de mera transmissão de informações, mas buscando desenvolver os potenciais de acordo com as peculiaridades de cada aluno.

Em outras palavras, o papel do professor consistirá em estimular o aluno a tomar as próprias decisões e a entender autonomamente o papel do erro na construção do conhecimento, assim como a descobrir por si mesmo os processos que podem levá-lo a alcançar o que deseja. Aliás, de acordo com Paulo Freire, ao se referir à responsabilidade do profissional de educação perante a sociedade, em cujo contexto desenvolve suas atividades, é fundamental enfatizar o compromisso do professor em colaborar com um processo de transformação em detrimento da possibilidade de conceber uma posição neutra deste profissional perante a sua realidade histórica (WERTHEIN, *in* FREIRE, 1996).

Para atingir essa finalidade, Dolabela (2003) lista uma série de ações que apresentaram resultados positivos na aplicação da pedagogia empreendedora, como diretrizes que podem ser seguidas pelo educador até que ele desenvolva dinamicamente a sua própria prática didática. São elas:

- Eliminar, sempre que possível, aulas expositivas, adotando estratégias que representem a realidade que se quer abordar. A utilização intensiva de recursos teatrais, jogos, filmes, notícias, dinâmicas, biografias, depoimentos em sala de aula, trarão vida aos encontros, descortinando ricas oportunidades de aprendizagem.
- Estabelecer conexões com as lideranças e com as forças vivas da comunidade para oferecê-las aos alunos como fonte do saber empreendedor.
- Convidar pessoas da comunidade para narrar os seus sonhos.
- Pedir que os alunos narrem os processos que desenvolveram para sonhar e buscar a realização do sonho.
- Estimular a autoavaliação e evitar a avaliação exógena. Somente o sonhador pode avaliar se o seu sonho pode provocar a sua autorrealização, não admitindo a interferência nem mesmo do professor. Na análise ética, cabe ao aluno, mediante debates e discussões, desenvolver a sua consciência acerca dos valores morais

Interdisc., São Paulo, n.º 11, pp. 01-151, out. 2017.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

que estão envolvidos no sonho que busca realizar e quais os reflexos que surtirão na coletividade.

- Entender a ação empreendedora como presente em qualquer ação humana, como forma de ser, e não somente no exercício de atividades economicamente organizadas, como as empresas.
- Tomar o sonho individual como central no processo de educação. Tanto para o ser como para o saber. O ato de sonhar é o fundamento da pedagogia empreendedora. A busca da realização do sonho gera a dinâmica pedagógica.
- Desenvolver processos de permanente construção e manutenção de altos níveis de autoestima, indispensáveis ao empreendedor. Desenvolver a crença na capacidade de intervenção no mundo, de dinamizar os próprios potenciais de forma interdependente. Desenvolver a noção de que a capacidade política de introduzir mudanças com vistas à melhoria da qualidade de vida está em cada um, agindo em cooperação coletiva.
- Apoiar a inserção transversal do conteúdo empreendedor, fazendo com que os diversos conteúdos curriculares (disciplinas), em todas as séries, explicitem os seus vínculos com o saber empreendedor.
- Utilizar a pergunta como estímulo ao entendimento e à compreensão; evitar as respostas.
- Ampliar as fontes de aprendizado, os referenciais de comparação, aumentar a capacidade de perceber a diversidade, de perceber além dos modelos e dos paradigmas. O acesso da criança aos recursos da tecnologia da informação é uma necessidade e, por isso, um direito fundamental.
- Combater os vícios do olhar que discrimina, de modo a evitar a repetição do passado indesejável e a discriminação de qualquer espécie.
- Agir politicamente, entendendo política como o direito e a necessidade de cada um participar das decisões que irão afetar sua vida.
- Não aceitar a proposta vazia de sentido que prega a neutralidade político-administrativa na educação, porque ela, além de impossível, serve para preservar a estrutura do poder existente.
- Afastar-se, sempre que possível, da dicotomia 'certo-errado', evitando, dessa forma, a busca por valores absolutos e verdades soberanas (DOLABELA, 2003, p.109-110).

Essa metodologia é plenamente consoante com a teoria freireana de que a libertação é o objetivo precípua da educação, a qual se apresenta como o instrumento hábil a permitir uma leitura crítica do mundo, donde deriva a concepção utópica de educação. Considerando o mundo que nos rodeia como algo inacabado, isso implica a denúncia da realidade opressiva, da realidade injusta e, conseqüentemente, a crítica transformadora, portanto, o anúncio de outra realidade. Essa nova realidade é a utopia do educador.

A obra importante de Freire (1996) *Pedagogia da Autonomia*, que combate frontalmente a ideologia imobilizante da realidade, destaca a relação entre docentes e discentes pois, de acordo com Freire, não há docência sem discência, as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender.

Interdisc., São Paulo, n.º 11, pp. 01-151, out. 2017.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

Por parte do docente é necessário revelar aos alunos a capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Além disso, esta relação é uma experiência alegre por natureza. “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, *apud* PACHECO *et al.*, 2006, p. 04). Por fim, cumpre observar novamente que a Pedagogia Empreendedora jamais poderá ser imposta como metodologia didática obrigatória, mas sim adotada pelas instituições educacionais existentes de acordo com as opções políticas e perspectivas sociais que apresentam.

3 O PLANEJAMENTO DIALÓGICO DA ESCOLA

Mas para que a Pedagogia Empreendedora possa realmente lograr eficácia é fundamental que seja adotado um planejamento educacional que permita uma maior participação do aluno nas decisões político-administrativas da escola. Afinal de contas, conforme lecionava Paulo Freire, e cuja lição é seguida por Padilha (2002, p. 73), “[...] é decidindo que se aprende a decidir”. Não se pode conceber a ideia de que a autonomia e a criatividade, bem como as demais características empreendedoras, se desenvolvam sem permitir que o educando exerça livremente o seu direito de pensar e agir.

Historicamente, desde os tempos coloniais, a educação vem sendo utilizada como instrumento de controle social destinado à manutenção dos privilégios de uma classe minoritária, de modo a impedir o desenvolvimento de uma mentalidade crítica e reflexiva da sociedade. Não obstante, é justamente essa minoria a responsável pelo planejamento pedagógico imposto às escolas, sem a mínima participação daqueles que realmente irão fazer parte do processo de ensino e aprendizagem, o que dificulta ainda mais qualquer possibilidade de alteração desse quadro.

Sendo assim, e para combater essa situação, Padilha (2002) propõe a adoção de um planejamento educacional dialógico, que permita a participação e a interação de todos os envolvidos no ambiente pedagógico, incluindo o setor social, no qual a escola está inserida, para que, assim, possam ser decididas as questões orçamentárias, administrativas e, até mesmo, pedagógicas referentes ao ambiente escolar. Esse tipo de planejamento possui a vantagem de impulsionar uma maior atuação política dos atores educacionais no que se refere à reivindicação de melhorias e mudanças no quadro social. O autor Padilha (2002, p. 21) afirma que:

Quando deixam de “fazer política”, eximindo-se de reivindicar seus direitos junto aos representantes políticos que elegeram, de defender direitos e obrigações nos diversos momentos de suas vidas, ações e relações em sociedade ou de agir, de participar efetivamente das decisões relacionadas ao seu cotidiano e até mesmo de refletir sobre suas práticas, realidades e contextos sociais, as camadas populares deixam de exercitar plenamente a democracia, afastando-se de tudo o que consideram político, como se fosse, por um lado, algo negativo,

Interdisc., São Paulo, n.º 11, pp. 01-151, out. 2017.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

ou, por outro, assunto pertinente apenas aos políticos profissionais ou a pessoas que têm militância político-partidária.

Na verdade, uma orientação pedagógica que objetive a transformação de um indivíduo em um cidadão ativo e interessado por modificações da estrutura política na qual está inserido, consoante com Pacheco *et al* (2006, p. 02), vai ao encontro dos valores ministrados na obra de Freire, uma vez que a análise de tal obra “[...] remete os educadores à construção de Projetos Pedagógicos que contribuam com um projeto de sociedade que privilegie a inclusão e combata a exclusão”, e esse ponto encontra reflexo no ensino do empreendedorismo voltado ao desenvolvimento social sustentável, como é a Pedagogia Empreendedora proposta por Dolabela.

A PE apresenta uma metodologia em que a interdisciplinaridade se torna um conceito importante, uma vez que “parte da análise da prática concreta e da experiência vivida do grupo de reflexão” (PACHECO, *et al*, 2006, p.5).

O objetivo fundamental da interdisciplinaridade é experimentar a vivência de uma realidade global que se inscreve nas experiências cotidianas do aluno, do professor e do povo e que, na escola tradicional, é compartimentizada e fragmentada (BARRETO, *apud* PACHECO *et al*, 2006, p.5).

Considerar a realidade ao se realizar o planejamento dialógico da escola torna-se uma tarefa em que, não somente se dê espaço para participação dos diferentes atores do processo educativo, mas se considere todos os componentes curriculares, não mais isoladamente, na busca de realização do sonho comum e da execução da proposta da escola.

Em pesquisa realizada por Cassiano e Reis (*in* OLIVEIRA, *et al*, 2009, p 168) os autores apontam que os dados “levam a pensar a Pedagogia Empreendedora com um olhar que caminha para a interdisciplinaridade” pois “não uma ou outra disciplina mais importante e o papel que cada professor exerce no desenvolvimento da Pedagogia Empreendedora contribui para um ensino de qualidade”.

Com efeito, é indiscutível que na realidade atual o termo política assumiu uma conotação pejorativa, sobretudo em função dos escândalos relacionados à corrupção daqueles que deveriam representar o povo com probidade e eficiência. Desta forma, a grande camada social procura afastar-se das questões políticas por acreditar que tais assuntos não são dignos de serem discutidos por pessoas de bem, honestas e trabalhadoras, o que obviamente é um erro. Por isso, a escola deve pautar a sua atuação objetivando estimular a participação social na tomada de decisões, pois é desta forma que os indivíduos irão amadurecer e evoluir no tocante ao trato das questões políticas que afetam toda a sociedade, e não somente o setor educacional.

Mas, para que esse desiderato possa ser alcançado, é fundamental que o diálogo seja efetivamente exercido. Vale dizer, não basta apenas permitir que os professores, funcionários e alunos falem abertamente sobre o que pensam, é preciso que tais opiniões sejam realmente levadas em consideração no momento em que forem decididas as diretrizes a partir das quais a escola será estabelecida.

Interdisc., São Paulo, n.º 11, pp. 01-151, out. 2017.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

Aqui entramos na análise da relação dialógica entre educador e educando. É justamente no cotidiano da sala de aula (e também nas demais relações escolares, como, por exemplo, entre diretor de escola e professores) que notamos quão difícil é pôr em prática a fala *aos e com* os educandos (ou com os outros), pois não temos, principalmente, a experiência da democracia, o hábito de dividir o poder, ou o suposto poder, nem sequer o costume de ouvir, de escutar, de negociar diferenças, sem que isso signifique barganhar vantagens de toda ordem (PADILHA, 2002, p. 22).

Posto isso, fica evidente que a formação de um Estado Democrático de Direito inicia-se dentro do ambiente escolar. Desde cedo se deve estimular o interesse em participar dos assuntos que irão influenciar a vida de todos, fazendo com que a democracia se transforme em algo inato ao ser humano, e não mais permitir que todas as decisões realmente importantes sejam tomadas apenas por aqueles que possuem interesses pessoais em manter privilégios por meio da manutenção de uma sociedade desinformada, passiva e desprovida de consciência crítica.

Ademais, essa dialogicidade permite a configuração de um processo dinâmico e dialético de ensino e aprendizagem; ao proporcionar que o aluno participe ativamente do exercício educacional, o professor também irá se deparar com um amplíssimo rol de possibilidades de aprendizado. E, nesse sentido, vale atentar ao que Padilha (2002, p. 23) menciona da lição de Freire:

Paulo Freire afirma que “há momentos em que a professora, enquanto autoridade, fala *ao* educando, diz o que deve ser feito, estabelece limites sem os quais a própria liberdade do educando se perde na licenciosidade, mas estes momentos, de acordo com a opção política da educadora, se alternam com outros em que a educadora fala *com* o educando” (PADILHA, 2002, p.23).

Em outras palavras, Freire explica que “o diálogo consiste em uma relação horizontal e não vertical entre as pessoas implicadas, entre as pessoas em relação, ou seja, sem relações de autoridade” (BARRETO, *apud* PACHECO *et al.*, 2006, p. 04). “Ninguém educa ninguém. Ninguém se educa sozinho. Os homens se educam juntos, na transformação do mundo”. De acordo com Freire (*apud* PACHECO, 2006, p. 04): “o educador não pode colocar-se na posição de detentor de todo o saber; deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o aluno tem uma experiência de vida e por isso também é portador de um saber”

Trata-se de permitir que o aluno possa discutir em sala de aula as questões que enfrenta no seu dia a dia, dando aos conteúdos apreendidos na escola uma dimensão pragmática e teleológica, isto é, atribuindo finalidades ao que está aprendendo, o que está plenamente de acordo com a Pedagogia Empreendedora proposta por Dolabela, quando se lembra de que um dos comportamentos empreendedores que devem ser desenvolvidos pelo professor, conforme foi visto acima, consiste justamente em não aceitar a proposta vazia de sentido que prega a neutralidade político-administrativa na educação, porque ela serve para preservar a estrutura do poder existente.

Em outras palavras, o professor deve trazer para a sala de aula todos os assuntos que influenciam diretamente a vida de seus alunos e permitir que eles possam expressar as suas opiniões e anseios, para que, dessa forma, possam refletir sobre

Interdisc., São Paulo, n.º 11, pp. 01-151, out. 2017.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

tais questões e chegar às próprias conclusões, verificando quais as possíveis soluções que podem ser aplicadas aos diversos problemas sociais encontrados e discutidos. É esse comportamento que traduz o verdadeiro significado do termo política. Com efeito, ser político consiste em participar das decisões que afetam toda a sociedade, é discutir e deliberar sobre os problemas sofridos pela comunidade e quais as soluções possíveis que podem ser aplicadas com o máximo de aproveitamento e o mínimo de sacrifício.

Ao dizer que o educador deve fazer de seu ato educativo uma atividade também política, Paulo Freire quer afirmar justamente que a educação só pode de fato contribuir para o crescimento geral da pessoa, do sujeito, do cidadão, do aluno e da aluna se significar um espaço para expor ideias, para discutir com a maior amplitude possível temas que, se referidos ao contexto dos alunos, sempre estarão vinculados e poderão ser trabalhados no encontro das diferentes ciências e conhecimentos acumulados pelos homens, os quais serão também estudados pelos educandos (PADILHA, 2002, p. 23).

E é essa atitude pedagógica que irá formar cidadãos capazes de assumir a responsabilidade para reivindicar mudanças sociais, que possam beneficiar toda a sociedade, sem discriminação, e lutar pela realização do bem-estar e da justiça social, assim como pela redução das desigualdades nos mais diversos setores. São essas pessoas que poderão, de fato, promover as alterações necessárias na realidade brasileira, a qual ainda é profundamente marcada pela segregação e exclusão das camadas mais carentes da sociedade.

Assim, quando se vislumbra uma nova relação entre educador e educando, na qual se reconhece não só a presença da política nessa relação mas, principalmente, se estimula a prática do diálogo político em sala de aula, ao lado das atividades curriculares e pedagógicas, o resultado do processo ensino e aprendizagem será certamente melhor. Além de estimular a reflexão daqueles atores educacionais, tal prática estará sobretudo ensinando-os a atuar sobre a realidade para transformá-la e a buscar, cada vez mais, a justiça social que todos queremos alcançar (PADILHA, 2002, p. 24).

É por esse motivo que Padilha (2002) atribui ao planejamento dialógico, a qualidade de ser uma forma de resistência e de alternativa. É resistência no sentido de não mais permitir a conservação daquele quadro social segregador que visa tão somente à preservação dos privilégios de uma minoria, e alternativa porque permite a livre participação de todos os envolvidos no ambiente escolar para solucionar os problemas relativos às questões orçamentárias, administrativas e pedagógicas. E o grande responsável por todas essas mudanças é o diálogo.

Com efeito, é a possibilidade conferida aos alunos, funcionários e professores, bem como da própria sociedade, de participar dialogicamente da tomada de decisões da escola, que impulsiona o desenvolvimento de uma consciência crítica e reflexiva de quem, futuramente, irá participar das questões políticas e administrativas de todo o país. Pacheco *at al* (2006, p. 03) aponta que a educação transformadora defendida por Freire objetiva desenvolver o pensamento crítico e a intervenção crítica da realidade justamente através do diálogo, o que se apresenta como “[...] a maneira

Interdisc., São Paulo, n.º 11, pp. 01-151, out. 2017.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

mais produtiva da formação dessa personalidade crítica” (FREIRE, *apud* PACHECO *et al.*, 2006, p. 03).

Ainda os autores indicam que Freire:

Destaca que o verdadeiro diálogo não pode acontecer, a não ser que os interlocutores se engajem em um pensamento crítico que perceba a realidade como processo, como transformação de um mundo cheio de contradições. Complementa ainda que o diálogo é condição fundamental para a sua verdadeira humanização (*apud* PACHECO *et al.*, 2006, p.03).

Ao defender o pensamento de Freire (*apud* PACHECO *et al.*, 2006), acerca do diálogo, com concordamos com Padilha (2002, p. 27), ao colocar que:

Para nós a dialogicidade representa essa importante prática que contribui para a reorganização democrática dos diversos tempos e espaços escolares. Associado à educação, o diálogo torna-se movimento amoroso, de pronúncia, de anúncio, ato de criação e de recriação conforme as palavras de Paulo Freire. Daí que planejar dialogicamente significa também a participação ativa e permanente de todas as pessoas nesse processo, construindo uma escola e, ao mesmo tempo, uma política educacional a partir da sala de aula, do “Círculo de Cultura”, que trabalhe com o conhecimento e com as emoções em suas diversas dimensões, de forma problematizadora, crítica, reflexiva, criativa, confiante, amorosa, sistemática, concreta, utópica, transformadora, alegre e feliz.

Nesse sentido, entendemos que a dialogicidade colabora para o desenvolvimento da criticidade, pois pressupõe a participação política, consciente e consoante aos anseios da comunidade, expressos no planejamento ou proposta pedagógica da escola.

4 A AVALIAÇÃO DIALÓGICA

Visão profundamente similar ao que foi exposto acima possui Romão (2011). Para esse autor, seguidor da linha doutrinária criada por Freire, é essencial que seja combatida a concepção ‘bancária’ de educação. A verdadeira função do professor não se resume à mera transmissão mecânica de informações e dados científicos que são compulsoriamente, por assim dizer, depositados na consciência do aluno. Esse tipo de atuação pedagógica é desastroso em todos os sentidos, pois além de não contribuir para a formação de um indivíduo autônomo e independente, faz com que a avaliação dos conhecimentos adquiridos por esse indivíduo se limite a verificar tão somente a apreensão dos conteúdos que foram transmitidos, e não os procedimentos, instrumentos e estratégias utilizadas pelo educando para absorver ou rejeitar tais conhecimentos. Nos dizeres de Romão (2001, p.92):

Interdisc., São Paulo, n.º 11, pp. 01-151, out. 2017.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

Com uma concepção educacional “bancária” desenvolvemos uma avaliação “bancária” da aprendizagem, numa espécie de capitalismo às avessas, pois fazemos um depósito de “conhecimentos” e os exigimos de volta, sem juros e sem correção monetária, uma vez que o aluno não pode a ele acrescentar nada de sua própria elaboração gnosiológica, mas apenas repetir o que lhe foi transmitido. Desenvolvemos a “pedagogia especular”, na qual os alunos devem se limitar a expelir pálidos reflexos do que é o professor enquanto sujeito epistemológico. Em suma, na educação e na avaliação “bancárias” os alunos se transformam em meros arquivos especulares das “verdades” descobertas previamente pelos professores na sua formação e na preparação de suas aulas. E entes especulares não praticam o ato cognoscente, já que sua tarefa se resume ao registro e ao reflexo (repetição) do depósito que lhe foi confiado. Aí a avaliação se torna um mero ato de cobrança, e não uma atividade cognoscitiva, na qual educador e educando discutem e refazem o conhecimento.

Conforme foi visto por ocasião da exposição do planejamento dialógico proposto por Padilha (2002), e em conformidade com a lição ministrada por Romão (2011), na escola cidadã, na qual se desenvolve uma educação libertadora e responsável pela formação daqueles que irão decidir efetivamente os rumos a serem seguidos pela sociedade, “[...] o conhecimento não pode ser uma estrutura gnosiológica estática, mas um processo de descoberta coletiva, mediatizada pelo diálogo entre educador e educando” (ROMÃO, 2011, p. 92).

É evidente que o educador não pode prescindir da necessidade inafastável de trabalhar com tais ‘conhecimentos’, contudo não pode permitir que os mesmos sejam apreendidos de maneira passiva e sem reflexão. O professor deve incentivar a discussão dos assuntos, a formação de opiniões e conceitos acerca das informações que foram transmitidas e, assim, alcançar a verdadeira construção do saber. Por esse motivo, a avaliação do aluno não deve se limitar à verificação daquilo que foi ‘memorizado’ por ele, mas também analisar a maneira como o aluno recebeu criticamente os conteúdos abordados.

A educação e a avaliação cidadãs devem levar em consideração os dois polos, pois não há mudança sem a consciência da permanência; não há processo de estruturação-desestruturação-reestruturação sem domínio teórico das estruturas – a reflexão exige “fixidades” provisórias para se desenvolver; não há percepção da dinâmica sem consciência crítica da estática [...] (ROMÃO, 2011, p. 93).

De uma forma mais clara, o que o autor quer dizer é que não se pode almejar mudanças sem o reconhecimento daquilo que precisa ser mudado, de modo que permanece fundamental o estudo daquilo que é cotidianamente aplicado na sala de aula. O que deve ser mudado é a maneira pela qual tais assuntos são abordados. A dialogicidade exige que essas questões sejam discutidas, dissecadas. É preciso, pois, um esforço conjunto de aluno e professor, sob a orientação deste, para a formação de novos conhecimentos, para a descoberta de novos horizontes do saber.

Dessa forma, o aluno poderá se preparar para discutir e compreender futuramente as questões que são fundamentais para o meio social no qual está inserido, podendo buscar alternativas e soluções de maneira criativa e até mesmo ousadas. E é essa

Interdisc., São Paulo, n.º 11, pp. 01-151, out. 2017.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

capacidade de discussão e argumentação que deve ser realmente avaliada pelo educador. O professor deve aferir o grau de desenvolvimento do aspecto crítico do aluno, e não apenas o conhecimento de datas ou nomes importantes.

5 CONSIDERAÇÕES

Por todo o exposto, ficou evidente a íntima relação que existe entre Pedagogia Empreendedora e dialogicidade. De fato, são muitos os comportamentos empreendedores que podem ser aplicados pelo professor e que também são exigidos no âmbito de uma educação dialógica. De fato, o objetivo da Pedagogia Empreendedora é criar as condições necessárias ao desenvolvimento das características empreendedoras inerentes ao ser humano, tais como autonomia, criatividade e ousadia.

Esse desiderato é alcançado pelo emprego da chamada Teoria Empreendedora do Sonho. Tal teoria preconiza que o aluno deverá definir um sonho a ser alcançado, bem como os meios pelos quais poderá concretizar aquilo que foi sonhado. Essa metodologia fará com que o aluno ingresse em um processo de autoaprendizagem acerca de si mesmo, dos elementos formadores do sonho estabelecido e de todas as peças fundamentais que servirão de suporte à realização desse sonho.

Todavia, a presença do professor permanece imprescindível. Este deverá estabelecer conexões com as lideranças e com as forças vivas da comunidade para oferecê-las aos alunos como fonte do saber empreendedor, assim como convidar pessoas da comunidade para narrar os seus sonhos e, assim, inspirar novas aspirações nos discentes. Ele também deverá agir politicamente, entendendo política como o direito e a necessidade de cada um participar das decisões que irão afetar sua vida, e não permitir a proposta vazia de sentido, que prega a neutralidade político-administrativa na educação, porque ela, além de impossível, serve para preservar a estrutura do poder existente.

Todos esses comportamentos descritos acima estão plenamente em consonância com os princípios e ideais preconizados pela dialogicidade da educação. Em outras palavras, essa dialogicidade nada mais é do que a instauração do diálogo no ambiente escolar, permitindo a livre manifestação de ideias e opiniões daqueles que participam do processo de ensino e aprendizagem, na tomada de decisões que irão afetar a escola como um todo. Trata-se de estabelecer uma comunicação recíproca entre aluno e professor, para que a atividade de ensino não seja algo mecânico e passivo, mas profundamente marcada pela dinamicidade e reflexão crítica.

É permitir que alunos, professores, funcionários e até mesmo a comunidade na qual a escola está inserida, participem politicamente das decisões acerca do orçamento, da administração e das estratégias pedagógicas que serão aplicadas. Conforme foi dito acima, o papel do professor consistirá em estimular o aluno a tomar as próprias decisões e a entender autonomamente o papel do erro na construção do

Interdisc., São Paulo, n.º 11, pp. 01-151, out. 2017.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

conhecimento, assim como a descobrir por si mesmo os processos que podem levá-lo a alcançar o que deseja.

Como se vê, o brilhantismo da dialogicidade quando aplicada em conjunto com a Pedagogia Empreendedora reside justamente na promoção do desenvolvimento de um indivíduo autônomo, crítico, criativo, ousado, que participa ativamente da tomada das decisões políticas que irão repercutir por toda a sociedade e que reivindica as mudanças sociais necessárias para combater os privilégios da minoria e, assim, realizar o bem-estar e a justiça social, lutando pela diminuição das desigualdades sociais e a formação de uma sociedade verdadeiramente livre, justa e solidária.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria José Netto. **Metodologia de pesquisa em educação**. – ed. rev. ampl. – São João del-Rei, MG: UFSJ, 2011. 97 p.

BARRETO, *apud* PACHECO, Andressa Sasaki Vasques; PEDRON, Luana Elise. SCHLICKMANN, Raphael. MORETTO NETO, Luís. **A Pedagogia de Paulo Freire e a Pedagogia Empreendedora**. VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, Blumenau, SC, 15 a 17 de novembro de 2006.

CASSIANO, Paulo Victor; REIS, Sheine Pontes dos. **Pedagogia Empreendedora: em que a matemática pode contribuir?** *In*: OLIVEIRA, Paulo César; NUNES, Rosana Helena; VIVAN, Elide Garcia Silva; FURTADO, Otávio Luis P. C. (orgs). *Percursos e Práticas: (re) leituras de produções acadêmicas*. Sorocaba: Create Editora, 2009.

DOLABELA, Fernando. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P., *apud* PACHECO, Andressa Sasaki Vasques; PEDRON, Luana Elise. SCHLICKMANN, Raphael. MORETTO NETO, Luís. **A Pedagogia de Paulo Freire e a Pedagogia Empreendedora**. VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, Blumenau, SC, 15 a 17 de novembro de 2006.

PACHECO, Andressa Sasaki Vasques. PEDRON, Luana Elise. SCHLICKMANN, Raphael. MORETTO NETO, Luís. **A Pedagogia de Paulo Freire e a Pedagogia Empreendedora**. VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, Blumenau, SC, 15 a 17 de novembro de 2006.

Interdisc., São Paulo, n.º 11, pp. 01-151, out. 2017.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico**: Como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação Dialógica**: desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2011.

WERTHEIN, Jorge. Educação e mudança. *In*: FREIRE, Paulo. **Uma bibliografia**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1996.